



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS**

GELSON ALEXANDRE XAVIER

**UMA LEITURA DAS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS NO ROMANCE *GRANDES
ESPERANÇAS*, DE CHARLES DICKENS**

**GUARABIRA/PB
2021**

GELSON ALEXANDRE XAVIER

UMA LEITURA DAS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS NO ROMANCE *GRANDES ESPERANÇAS*, DE CHARLES DICKENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Inglês.

Área de concentração: Literatura e Teoria Literária.

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA/PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

X31 Xavier, Gelson Alexandre.

Uma leitura das problemáticas sociais no Romance
Grandes Esperanças, de Charles Dickens [manuscrito]
/ Gelson Alexandre Xavier. - 2021.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Charles Dickens . 2. Grandes Esperanças.
3. Era Vitoriana. 4. Realismo. I. Título

21. ed. CDD 823

GELSON ALEXANDRE XAVIER

UMA LEITURA DAS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS NO ROMANCE *GRANDES ESPERANÇAS*, DE CHARLES DICKENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Inglês.

Área de concentração: Literatura e Teoria Literária.

Aprovada em: 13/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Vilian Manguiera
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O ROMANCE REALISTA DA ERA VITORIANA	5
2.1 O que é o romance realista?.....	6
3 CHARLES DICKENS E O REALISMO	8
4 A CRÍTICA SOCIAL DE DICKENS	9
4.1 Problemas sociais descritos a partir dos personagens	10
4.2 As simbologias em <i>Grandes Esperanças</i>	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	23

UMA LEITURA DAS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS NO ROMANCE *GRANDES ESPERANÇAS*, DE CHARLES DICKENS

A READING OF SOCIAL ISSUES IN THE NOVEL *GREAT EXPECTATIONS*, BY CHARLES DICKENS

Gelson Alexandre Xavier¹

RESUMO

Nas obras de Charles Dickens é recorrente o uso de personagens marginalizados, de classes sociais baixas, utilizados como maneira de retratar a realidade do período vitoriano e as consequências que a Revolução Industrial na Inglaterra trouxe para muitas pessoas que saíram dos campos e passaram a se amontoar em moradias pequenas e insalubres, nos grandes centros urbanos, em busca de emprego e melhores condições de vida. É nesse viés que iremos abordar como Dickens emprega em seu *Buildungsroman* (romance de formação), *Grandes Esperanças* (1861): o contexto social da época, através da criação de seus personagens, buscando explorar questões de como a sociedade vitoriana era vista aos seus olhos. Para este estudo, abordaremos questões acerca do realismo vitoriano com o intuito de trazer para o leitor uma visão crítica de questões sociais daquela época e como essas foram empregadas a partir do realismo. Abordamos também os temas mais recorrentes dentro do romance: a pobreza, o trabalho infantil e o preconceito instaurado no personagem Pip acerca do julgamento da burguesia. Concordamos que *Grandes Esperanças* gira em torno da temática do capital, para mostrar como a Revolução Industrial afetou ainda mais o desejo da burguesia de dominação sobre a classe operária, e assim mostraremos como o dinheiro definia como o ser deveria ser tratado perante a sociedade, de acordo com a quantidade de bens que este possuísse. Como embasamento teórico, utilizamos os estudos de Daniel Puglia (2006); Deirdre David (2000); Hugh Walker (1921) e Viviane Cárdenas (2005).

Palavras-chave: Charles Dickens. *Grandes Esperanças*. Era Vitoriana. Realismo.

ABSTRACT

It is recurring in the works of Charles Dickens, the use of low-class characters as a way to portray the reality of the Victorian period and the consequences that the industrial revolution of England brought to the large number of people who left the camps and began to huddle in small dwellings and unhealthy in large urban centers in search of employment and better living conditions. It is in this bias that we will address how Dickens employs in his *Buildungsroman* (novel formation), *Great Expectations* (1861), the social contexts of the time through the creation of his characters. We seek to show how Victorian society was seen in Dickens' eyes within the novel. For this critical reading, we will address as reference several works on Victorian realism in order to bring to the reader a critical view of how realism was employed within Dickens' work. We also address the most recurrent themes in the novel: poverty, child labor and the prejudice established in the character Pip about the judgment of the bourgeoisie. With a theme revolving around capital, to show how the industrial revolution has further affected the bourgeoisie's desire for domination over the working class, we will show how money defined how the being should be treated before society according to the amount of goods

¹ Graduando em Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba

it possesses. As a theoretical basis, we use the studies of Daniel Puglia (2006); Deirdre David (2000); Hugh Walker (1921) and Viviane Cárdenas (2005).

Keywords: Charles Dickens. *Great Expectations*. Victorian era. Realism.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco principal discutir a representação de alguns dos problemas sociais mais recorrentes durante a Era Vitoriana no romance *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens, a partir do contexto social estabelecido pela Revolução Industrial. Analisaremos como alguns personagens são retratados no romance e a maneira como eles situam o leitor com os problemas da época, a partir do Realismo. Abordaremos como a ambientação influi na obra e na descrição desses problemas, através de simbologias empregadas por Dickens em sua obra.

Através desta pesquisa, buscamos analisar o contexto social que Dickens expunha em seus romances, para que assim possamos perceber a riqueza de detalhes que a história nos oferece. O romance se passa durante a Era Vitoriana, em um contexto de grandes avanços econômicos, impulsionados pelo extenso alastramento da febre capitalista e em contrapartida às altas taxas de mortalidade infantil que cresciam irrefreáveis. Nesse mesmo viés, a pobreza se alastrava de forma desmedida entre as pessoas das classes inferiores, que não desfrutavam dos luxos da burguesia vitoriana, principalmente as pessoas do campo, como é o caso da família do narrador-personagem Philip Pirrip (Pip).

Com avanços no desenvolvimento industrial e econômico da época, fatores essenciais para que a Coroa britânica restaurasse seu prestígio na Europa, aliados ainda às importantes conquistas coloniais nos continentes Asiático, Africano e Oceania, surge então neste período, impulsionado pelas altas da industrialização, uma lacuna ainda maior entre burguesia e proletariado, causando revolta na classe submissa. Esses acontecimentos instigaram alguns dos escritores desse período – a exemplo de Dickens - a escrever questionamentos acerca das injustiças sociais em seu tempo e lugar.

Para desenvolvermos essa pesquisa recorreremos a estudos críticos e teóricos da área de Literatura e teoria crítica. Dentre esses, citamos estudos de Daniel Puglia, *Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo* (2006), para compreender o contexto em que Charles Dickens estava inserido; Deirdre David *The Cambridge Companion to the Victorian novel* (2000); Hugh Walker (1921), *The literature of the victorian era*, para aprofundamento sobre os desdobramentos da literatura durante a Era Vitoriana; Lúcia Cristina Rodrigues (2006): *Lewis Carroll e os Paradigmas Educativos Vitorianos*, para entender ‘como e a que classes sociais’ era implantado o ensino escolar, da infância à adolescência; e Viviane Cárdenas (2005), *Dickens e a era vitoriana: ascensão da indústria, declínio do homem*.

2 O ROMANCE REALISTA DA ERA VITORIANA

A sociedade vitoriana se comportava de maneira bastante opressora contra sua população quando o assunto era moral, impondo seus conceitos e impulsionamento de preconceitos, incitando uma série de valores consideravelmente severos sobre as três principais formações sociais da época: formação cultural, moral, e, sobretudo, ideológica.

O período vitoriano, ficou assim conhecido, devido ao reinado da Rainha Vitoria I, de 1837 a 1901, da dinastia de Saxe-Coburg, tendo tido uma duração de 63 anos, com grande relevância sobre uma extensa parte do mundo Ocidental. Entretanto, foi um período controverso, marcado por um grande progresso técnico-científico com a segunda revolução

industrial e, na contramão desse avanço, observou-se um grande aumento no número de casos de doenças infecciosas e epidemias que levaram à morte milhares de pessoas em decorrência da insalubridade, devido a superpopulação e, ainda, um significativo aumento da violência, em razão da grande parcela de pessoas que se encontravam em situação de extrema pobreza.

Muitos autores dessa época utilizavam seus romances para retratar a vida de pessoas ‘comuns’ e sofridas. No governo da rainha Vitória, esses artistas se detinham a escrever sobre a parte negligenciada pelo reinado - pessoas de classes inferiores: negros, escravos, homossexuais, prostitutas e crianças em situação de miséria atuantes na prática do trabalho infantil, descartadas e omitidas da sociedade, seja por questões ideológicas ou capitalistas. Foi com grande maestria na escrita - na busca pela liberdade, quebra das injustiças sociais e rompimento dos rígidos valores morais impostos pelo reinado - que Charles Dickens e outros romancistas do período vitoriano apresentaram ao mundo as mazelas presentes naquela sociedade e deram voz às classes oprimidas, mostrando os valores e o modo de vida dessas pessoas.

2.1 O que é o romance realista?

Nas palavras de Tânia Pellegrini (2007), essa forma literária narrativa buscou relatar a realidade nua e crua, através de publicações de diversos autores. Abrangia as questões da realidade social de seu povo, uma vez “[...] que se disponha a “reproduzir” aspectos do mundo referencial, com matizes e gradações que vão, desde a suave e inofensiva delicadeza, até a crueldade mais atroz” (PELLEGRINI, 2007, p. 1). Como exemplo, podemos apontar Charles Dickens, que fazia uso de personagens de vidas cotidianas, alguns dos quais faziam parte da região onde ele havia morado, para abordar temas como: pobreza, preconceito e demais mazelas que circundavam a sociedade Vitoriana. Pellegrini (2007) afirma ainda, de forma bastante concisa, a nova definição de realismo para a Era Vitoriana:

[...]. Esse sentido se perdeu e realismo surgiu como uma palavra totalmente nova, apenas no século XIX; em francês, por volta de 1830, e em inglês, no vocabulário crítico, em 1856, sendo que, a partir de então, desenvolveu-se, em termos gerais, como um termo que descreve um método e uma postura em arte e literatura: primeiro uma excepcional acuidade na representação e depois um compromisso de descrever eventos reais, mostrando-os como existem de fato, sendo que aqui, em muitos casos, inclui-se uma intenção política (PELLEGRINI, 2007, p. 3)

Foi a partir deste sentido de realismo vitoriano que muitos escritores procuraram dar visibilidade às minorias, mostrando suas fragilidades, seus anseios, as perseguições da Coroa vitoriana que ditavam as normas para determinar como deveriam ser os comportamentos de homens e mulheres: perseguição aos homossexuais, a exemplo de Oscar Wilde, condenado a dois anos de reclusão e trabalhos forçados que, após ser libertado, assumiu o pseudônimo de Sebastian Melmoth, e então se mudou para Paris, a fim de se esconder das condenações da sociedade.

Continuando, Pellegrini afirma que,

[...], enquanto postura e método, o realismo desde o início negou que a arte estivesse voltada apenas para si mesma ou que representar fosse apenas um ato ilusório, debruçando-se agora sobre as questões concretas da vida das pessoas comuns, representadas na sua prosaica tragicidade. (PELLEGRINI, 2007, p. 140)

Como justificativa para isso podemos analisar a partir do contexto em que Dickens nos apresenta em seu romance: a tragédia armada contra a personagem Sra. Havisham, no dia de seu casamento pelo seu irmão bastardo e seu noivo, por fins de ambição, tornando-a após o ocorrido, incapaz de acreditar que as pessoas pudessem realmente nutrir sentimentos e, a partir de então, criando Estella para destruir os sentimentos dos homens. Poderíamos associar a criação de Estella com a Criatura do personagem Frankenstein, de Mary Shelley, ambos tendo sido criados com o intuito de orgulhar seus criadores: Estella parte o coração da Sra. Havisham e o monstro repudia o seu criador, quando finalizado o processo de criação. E é com essa mistura de sentimentos que Dickens traz para a existência humana de seus personagens através de conflitos morais na maior parte do enredo, históricos, políticos e sociais daquela época, como fica claro na construção da personagem Estella que menospreza o jovem Pip, em razão do jovem ser pobre, sem estudo, desqualificado e sem esperanças de conseguir um emprego futuro que não seja o de aprendiz na ferraria do Sr. Gargery.

Sobre isso, Silva (2010) afirma que:

[o] tratamento sério da realidade cotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial, por um lado - e, pelo outro, o esgarçamento de personagens e acontecimentos quotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea, do pano de fundo historicamente agitado – estes são, segundo nos parece, os fundamentos do realismo moderno, e é natural que a forma ampla e elástica do romance em prosa se impusesse cada vez mais para uma reprodução que abarcava tantos elementos. (SILVA, 2010, p. 94).

Na estética realista, buscou-se então mostrar uma literatura que fosse útil, racional e real, para então abrir os olhos da sociedade vitoriana sobre como viviam as pessoas menos favorecidas pelo império: pessoas desvalidas, ocultas até então e principalmente, pessoas marginalizadas e condenadas por um império autoritário em uma época de avanços comerciais e industriais que só favorecia os burgueses. Dickens critica ainda os maus tratos que as mulheres sofriam praticados pelos homens, desenvolvendo nelas prejudiciais barreiras internas e externas de autopreservação, à medida que a personagem Sra. Havisham, faz com que o todo que a cerca pare no tempo e transforme tudo ao seu redor em um ambiente hostil e amargo, como fica exposto através das palavras de Pairossien (2008):

"[...] No caso da senhorita Havisham, esta prisão é peculiarmente auto-consciente e sistemática, assim como é a forma que ela transfere seu ressentimento para um recipiente inocente na forma de Estella. [...] Ela sendo abandonada por Compeyson cria o que agora chamaríamos de "trauma" sobre o qual ela se fixa, e que ela então lega a Estella. [...]"² (PAIROSSIEN, 2008, p. 92 - *tradução nossa*)

Dickens mostrou como a figura da mulher “traída” (enganada) pelo homem, desenvolve em si, e em quem está no seu convívio, uma relação doentia, causada pelo bloqueio interno em função do medo de se relacionar e ser ferida novamente. Dessa forma, a Sra. Havisham criou Estella como seu mecanismo de defesa, com a função de combater relações de sentimento, mais ainda, criou-a para nutrir seu ego que ansiava em ver o coração de um homem ser magoado de uma maneira semelhante ao que fizeram com o dela. A Sra. Havisham corta ainda, todas as relações sentimentais com seus familiares - todos de classes inferiores à sua - por acreditar que eles só tenham interesse em seu dinheiro. Todas as relações da Sra. Havisham são estritamente

² “[...] In Miss Havisham’s case, this imprisonment is peculiarly self-conscious and systematic, as is the way she transfers her resentment to an innocent recipient in the form of Estella. [...] Her being jilted by Compeyson creates what we would now call the “trauma” upon which she fixates, and which she then bequeaths to Estella. [...]” (PAIROSSIEN, 2008, p. 92)

profissionais, à exceção de Estella, a quem ela criou à sua imagem emocional, sendo a única por quem ela se permite ser capaz de nutrir algum sentimento.

3 CHARLES DICKENS E O REALISMO

Nascido em 7 de fevereiro de 1812 na cidade de Portsmouth na Inglaterra, Charles John Huffam Dickens foi um dos poucos autores que tiveram fama enquanto vivo. Tendo escrito todas as suas obras durante o período vitoriano, foi um dos mais famosos romancistas de sua época, com grande destaque dentro da literatura britânica, tratando em suas obras, temas sociais recorrentes, como as más condições de trabalho da classe operária e o trabalho infantil. Sua morte foi sentida por todos e citada em diversos jornais ao redor do mundo, mas, principalmente, pelas pessoas pobres que viam em Charles Dickens um alento, ao retratar as suas vidas e lhes dar visibilidade perante aquela sociedade. Segundo Puglia (2006), a maneira como a notícia da morte de Dickens se expandiu em todas as esferas sociais

[...] – serv[iu] para dar uma ideia da imensa popularidade do autor que ainda em vida adquirira caráter quase mitológico na vida inglesa 1. Muito provavelmente a pequena vendedora de frutas estava familiarizada com as adaptações e histórias natalinas de Dickens que incessantemente inundavam os teatros, fazendo que seu nome circulasse como moeda corrente de diversão – num fluxo que ia desde os bairros dos teatros populares, passando pelos cafés e tabacarias 2. percorrendo os lares das classes médias e chegando até mesmo aos gabinetes de leituras dos mais ricos. (PUGLIA, 2006, p. 1)

Dickens retratou em suas obras, o paradoxo entre luz e sombra, pelo qual transitava a sociedade vitoriana. Era através de sua literatura que ele denunciava os abusos de uma sociedade extremamente severa que impunha o cumprimento da rígida moral e dos bons costumes instituídos à sociedade da época. Podemos ver tais afirmações sobre a escrita realista e verdadeira de Dickens no romance *Grandes Esperanças*, conforme citado por Barthes (1984, p. 92): “[ela se] justifica, senão pela lógica da obra, pelo menos através das leis da literatura: o seu ‘sentido’ existe, depende da conformidade, não ao modelo, mas sim, às regras culturais da representação.” (*apud* PELLEGRINI, 2007, p. 5). Detentor de obras conhecidas, Dickens foi em sua época um dos autores que mais conseguiu se expandir em todos os vieses da sociedade, adentrando desde o lar mais simples, até ao castelo da realeza.

[...] [U]m de seus grandes feitos foi trazer o problema da pobreza para a atenção dos leitores, ao introduzir uma variedade de pessoas pobres em quase todos os seus romances, e mostrando que a maioria dos pobres “com mérito”, bravamente lutavam contra as forças exibidas contra eles. (CÁRDENAS, 2005, p 6)

Ainda que em sua escrita, Dickens se referisse bastante aos pobres e que tenha mostrado sua simpatia com as classes consideradas pela sociedade como mais torpes, a exemplo das prostitutas e, seus escritos tendo sido cada vez mais acessados por essa parcela da população, devido em grande parte, ao desenvolvimento das novas tecnologias a vapor que barateavam o custo das obras vendidas em formato de seriado, Dickens foi muito incisivo em não “rebaixar” o nível de escrita de suas obras, como fica claro nas palavras de Puglia “[...], nosso autor tentou evitar ao máximo que assuntos explicitamente polêmicos maculassem sua imagem pública. [...] Expurgando de sua obra conteúdos sugestivamente sexuais, filtrando qualquer vocabulário chulo, [...]” (2006, p. 2-3). Certamente é em razão da proibição de escrever sobre temas de cunho sexual que Dickens deixa de explorar esses fatos tão presentes naquele período.

Por fim, voltando à discussão de diferenças sociais em *Grandes Esperanças* podemos ver a divisão dos grupos sociais a partir da figura de dois personagens principais para a trama,

Pip e Estella. Fica evidente que os pobres só deveriam se comunicar com indivíduos de seu grupo; dessa maneira, a burguesia traçava uma barreira de distanciamento entre classe operária e elite (pobres e ricos), criando um preconceito ainda maior numa mesma sociedade dividida por esferas sociais que sempre tendiam a ser injustas com a classe menos favorecida. Outra característica de Dickens, em suas obras, dá-se através da acentuada referência que faz aos trajes de seus personagens, para demarcar, através das vestimentas, o nível social a que aquele indivíduo. São estes detalhes que Dickens incorpora em suas obras, mais especificamente no romance em questão, que dão tanta veracidade e prestígio a sua escrita, pois, como sugere Todorov (1984, p. 9) “[...] o realismo em literatura (mesmo quando o termo é omitido) é um *ideal*: o da representação fiel do real, o do discurso verídico, que não é um discurso como os outros, mas a perfeição para a qual todos os discursos devem encaminhar-se” (*apud* PELLEGRINI, 2007, p.6). Assim, o que faz de Dickens um dos grandes nomes do realismo vitoriano é, antes de tudo, a maneira como ele expôs o real em sua escrita, adaptando os contextos sociais dentro de seus enredos e detalhando a ambientação e os costumes da época, levando o leitor a se sentir naquele ambiente.

4 A CRÍTICA SOCIAL DE DICKENS

Grandes Esperanças é um romance de formação. Narrado em primeira pessoa pelo protagonista que, muitas vezes, quebra a barreira e conversa com o leitor. A história é contada em torno do desenvolvimento do personagem Phillip Pirrip (Pip), e tem a finalidade de mostrar ao leitor como o personagem consegue se desenvolver em diferentes situações e esferas naquela sociedade ao lidar com a descoberta de sentimentos, desde a sua infância pobre até a sua maturidade, quando herda a fortuna e, depois, retorna novamente à classe trabalhadora. Todo o enredo gira em torno do dinheiro e da maneira como ele transforma a vida e os valores dos personagens: o dinheiro é o que vai representar o valor que a sociedade atribui a alguém tanto na burguesia quanto nos grupos menos favorecidos entre si, na representação da classe operária, prostitutas, criminosos e pessoas em situação de rua.

Dickens usou de seus meios artísticos para apontar problemas sociais que foram alavancados pelo capitalismo na Era Vitoriana, apresentando várias críticas em um só livro. O autor retrata a questão do trabalho infantil e a exploração das crianças; como e quão importante era o dinheiro para a sociedade daquela época, e o quanto a escassez do dinheiro excluía, restringia e afastava as pessoas pobres do convívio com outras esferas sociais e as encurralava cada vez mais para a pobreza e a miséria, longe dos grandes centros urbanos onde não havia mais oferta de emprego. Dickens também explora como tema principal do romance *Grandes Esperanças* o preconceito do sujeito pobre perante a burguesia, suas causas, mazelas e todo seu desfecho, através do personagem Pip.

Outro problema recorrente naquela sociedade dizia respeito às altas taxas de mortalidade infantil na classe trabalhadora e Dickens estabelece conexão já no segundo parágrafo do romance, na apresentação dos personagens, em que o personagem Pip está tomando consciência da sua condição social (órfão e pobre) e, conseqüentemente, descobre também que havia perdido além de seus pais, os seus irmãos, como é apresentado no seguinte trecho:

Cinco pequenos losangos de pedra, cada um com cerca de meio metro de comprimento, dispostos numa fileira ordenada ao lado da sepultura dos dois, e dedicados à memória de cinco irmãozinhos meus — que desistiram de tentar viver excepcionalmente cedo nesse conflito universal [...]

[...] e que Alexandre, Bartholomew, Abraham, Tobias e Roger, filhos pequenos dos dois, também estavam mortos e enterrados; [...] (DICKENS, 2012, p. 33)

Outro viés que encontramos nesse romance é que Dickens traz à tona a questão do real cavalheirismo vitoriano, ou em outras palavras, a alta sociedade. O autor trama então um diálogo entre condição social, títulos sociais e valores morais. expondo que, apesar de toda a educação e cultura nova que são apresentadas a Pip, ao chegar em Londres, fica evidente que ser aceito como um cavaleiro perante aquela sociedade, não se trata apenas de ter dinheiro ou uma boa educação: ele se encontrava infeliz, da mesma maneira que se sentia quando não tinha tanto acesso ao dinheiro, como revela Butler (1872): “tem sido dito que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. O mesmo pode-se dizer em relação à falta de dinheiro” (*apud* PUGLIA, 2006, p. 6). O personagem Pip se desaponta consigo após se dar conta de que deixou o valor social que o dinheiro compra ultrapassar os seus valores morais, não os instituídos pela sociedade vitoriana, mas os que foram repassados por Joe Gargery e outros valores ensinados de maneira arisca para alguém que havia sido “criado com a mão³.”

Além disso, Dickens expõe mais um sentimento muito pouco desenvolvido pelos outros personagens: Gratidão. Esse é um dos sentimentos que mais descrevem o personagem Abel Magwitch, em relação ao cavaleiro Pip. Magwitch deixa isso transparecer no seguinte trecho, ao reencontrar Pip, após longos anos. O personagem Pip só consegue desenvolver a gratidão nos capítulos finais, depois que passa a refletir sobre sua percepção das coisas.

Isso mesmo, Pip, meu querido menino, fiz um cavalheiro de ti! Foi eu que fez isso! Eu jurei naquele tempo que se algum dia eu ganhasse um guinéu, que fosse, esse guinéu havia de ser teu. Jurei adespóis, que se algum dia eu fizesse especulação e enricasse, tu havias de enricar também. Vivi uma vida dura, pra que tu vivesses na moleza; me matei de trabalhar pra tu não precisar trabalhar. Quem diria, hein, meu menino? Pensas que te conto isso agora pra tu sentires que me deve alguma coisa? Nada disso. Te conto pra tu saberes que aquele cachorro sem dono que não deixaste morrer naquele monte de lixo, ele conseguiu subir tanto na vida que pôde fazer de alguém um cavalheiro — e, Pip, esse alguém é tu!” (DICKENS, 2012, p. 438-439)

No romance, Pip se pôs relutante em abrigar Magwitch em seu imóvel mesmo depois de ter descoberto toda a verdade sobre seu benfeitor, pois temia que seus amigos o deixassem de tratar como cavalheiro, já que a imagem de um cavalheiro não deve estar associada à de um condenado. Aos poucos, Pip vai se dando conta de que tudo que tem e é, ele deve aos esforços de Magwitch, mas ainda assim receia que os dois sejam vistos juntos. Ao longo dos tempos, vai nascendo e crescendo constantemente o sentimento de gratidão pelo seu benfeitor, ainda que ele tema pela queda da sua posição social. A sociedade vitoriana era designada para ‘fabricar’ cavalheiros, damas e outras autarquias para viverem moldados nas convenções sociais da época, impostas pela coroa, sem restar nenhum espaço para o sentimento.

4.1 Problemas sociais retratados pelos personagens

Um dos temas debatidos em *Grandes Esperanças* é o das más condições de trabalho da classe operária, neste caso, representado no personagem Joe Gargery. Ao longo do romance vemos que esse personagem passava a maior parte do dia fumando, mesmo quando estava trabalhando. Era a maneira que encontrava para aliviar a tensão das várias horas de trabalho que a classe tinha naquela época. Mesmo Joe Gargery trabalhando na sua ferraria, tinha uma rotina exaustiva. Em determinado momento do enredo é trazido para o leitor a figura do pai de Joe: personagem que tinha problemas com o uso de bebidas alcoólicas. Através das descrições

³ Termo muito utilizado pela Sra. Joe Gargery, irmã de Pip, para cobrar-lhe respeito e obediência, tendo ela o criado “com a mão” desde que ambos ficaram órfãos. O termo significa que Pip era alimentado com uma colher ou uma mamadeira, já que ela não teria como amamentá-lo.

de Pip, o leitor consegue identificar o pai de Joe Gargery como sendo alcoólatra. É nessa vertente que surge outro problema social: a mãe de Joe, bem como o próprio, eram vítimas frequentes de violência doméstica; sempre que o pai se embriagava e restava a Joe assumir a função de trazer o alimento para casa. Foi assim que ele ingressou na profissão de ferreiro, ainda criança. A partir disso, outros problemas sociais surgem no cenário vitoriano retratado por Dickens, a exemplo do trabalho infantil, tirando do personagem Joe Gargery a oportunidade de estudar.

A jornada de trabalho de um operário do século XIX na Inglaterra era uma tarefa penosa. Mesmo antes de começar o dia, já se notava o cansaço, denunciado pelo andar enfadonho dos operários, [...] O dia-a-dia de um operário não tinha grandes acontecimentos. Sua diversão residia na bebida, no fumo e nas possíveis e eventuais festas. [...] Essa mesma gente que não participava de nenhum culto religioso, era a mesma gente que se embriagava; e aparentemente, ninguém, ou nenhuma organização, seria capaz de convencê-los a deixarem o vício. (CÁRDENAS, 2005, p 7-8)

Charles Dickens abordou justamente essas causas sociais e escreveu sobre elas, como forma de denúncia e repúdio a tais atos. Nessa linha de pensamento, Bandeira e Batista enfatizam que

[d]o ponto de vista jurídico, uma sociedade que prega a construção diferenciada e não-plural de seus membros, como signo do preconceito, que admite o acesso particularizado de alguns, seja aos bens materiais, seja aos bens culturais, que dá valoração positiva à desigualdade substantiva de seus membros está fadada à instauração da violência nas suas variantes materiais e simbólicas. (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p. 2)

Desse modo, podemos compreender como Dickens introduzia os modos de viver da sociedade vitoriana em suas obras, especificamente em *Grandes Esperanças*, obra que trouxe à tona questões acerca do preconceito, o ódio humano e a miséria que se instauram, tanto na alma corrompida pelo dinheiro quanto em quem não tem dinheiro algum. No romance são abordadas questões de cunho egocêntrico, como é o caso do próprio Pip em relação que abandona, por anos, o seu companheiro Joe Gargery, em razão dele continuar pertencendo a uma classe inferior à sua, mas que também se aplica ao caso da Sra. Havisham que, com suas mazelas, foi destruindo tudo que estava ao seu redor. Seu egoísmo, em função de não ter tido uma vida feliz, aliada às suas riquezas fez com que ela planejasse amargar a vida de todos os que a cercassem e, no caso de Pip, ela conseguiu destruir o seu coração por muitos anos até que ele descobriu que poderia ser feliz trabalhando arduamente.

A maneira como o narrador/personagem desenvolve o preconceito e assimila os preconceitos das novas pessoas que o cercam o torna parte de sua existência ao mesmo tempo em que apaga a existência dos tempos de pobreza. Para tornar-se um cavalheiro, Pip tenta equiparar-se ao modo de vida dos nobres vitorianos, algo normal para a época, pois a classe baixa buscava igualar-se aos nobres, os quais coordenavam a classe operária. Em razão disso, Pip sofre tanto para ser aceito na alta sociedade, pois mesmo tendo dinheiro, falta-lhe o prestígio como por não ter nascido já inserido dentro da sociedade burguesa. Nas palavras de Bandeira e Batista:

De fato, o que leva à discriminação e à exclusão não é a situação de carência material em si, mas o preconceito com relação às pessoas carentes. Isso gera formas diferenciadas de abordagem e tratamento, traduzindo o 'risco' de poluição que potencialmente essas pessoas representam. Não há dúvida de que, nesse caso, é o preconceito o gerador da discriminação e da desigualdade que exclui, o aspecto 'distintivo e formativo' do ordenamento moral da sociedade brasileira, na busca que

nega uma 'ética de igualdade' ou de reciprocidade. (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p. 4)

Apesar de se tratar do contexto brasileiro, podemos utilizar as palavras de Bandeira e Batista como comparação ao contexto da Era Vitoriana que negava o direito de igualdade ao seu povo. Nessa perspectiva, vemos que as relações afetivas de Pip são destruídas durante todo o período em que passa a viver como cavalheiro; somente conseguiu nutrir sentimentos por Estella, porém não teve retorno afetivo e, em razão disto, ele se afunda cada vez mais no abismo da negação de seus valores morais. Assim, a vida que ele levava era vazia, em função de títulos e *status*, acreditando que um dia conseguiria conquistá-la. Passou a sentir aversão por tudo que representava seu passado (a pobreza), quando se encontrava exilado dos luxos que o capitalismo dispõe às classes elevadas. Em um dado momento, Pip toma consciência de como o modo de vida que vem levando está sendo prejudicial para ele e desenvolve esse sentimento a partir do discurso elitista de Estella que acabou condicionando sua mente a acreditar que o modo como vivia não era tão digno quanto o da burguesia, como podemos ver no seguinte trecho:

Pensando, enquanto seguia, em tudo que ouvia, e remoendo profundamente a ideia de que eu era um trabalhadorzinho vulgar; que minhas mãos eram grosseiras, que minhas botas eram pesadas; que adquirira o hábito desprezível de chamar os valentes de jotas; que eu era muito mais ignorante do que julgava ser na véspera, e, de modo geral, que minha vida era muito vil e má. (DICKENS, 2012, p. 112).

Esse discurso explicita como uma criança órfã recebe o preconceito e é capaz de desenvolvê-lo sem ter o suporte da família para auxiliar na desconstrução desses estigmas criados pela burguesia. Em casa, a única figura amável que Pip tinha era a de Joe Gargery que o adotou, mas que muito pouco podia fazer, já que ambos eram silenciados pela voz da Sra. Joe Gargery, que atuava no lar como a ordem suprema. Fugindo às regras do período vitoriano, esta mulher é apresentada como alguém que impõe respeito, ou medo.

Os sentimentos de Pip eram bastante incomuns para uma criança dos dias atuais, mas naquela época as crianças eram criadas para pensar e agir como adultos, inclusive com relação ao trabalho. muitas vezes como forma de complementar a renda das famílias ou de proporcionar hábitos sociais mais dignos. Isso é evidenciado nas palavras de Cárdenas:

Logicamente, cria-se a expectativa de que a industrialização e a urbanização melhorem quase que de chofre, os padrões de vida de uma população, uma vez que os salários industriais são maiores que os rurais ou não-industriais, tais como no comércio. Na verdade, não podemos medir essa aparente melhora na condição de vida dos trabalhadores, simplesmente comparando o rural com o industrial, como se tivéssemos comparando o "pior" com o "melhor". Os homens das cidades não estavam necessariamente em condições melhores do que os homens do campo (muitas vezes até em piores condições, como por exemplo, as condições insalubres de trabalho e das moradias) e, ainda havia a possibilidade de os pobres estarem ficando cada vez mais pobres. (CÁRDENAS, 2005, p. 10-11)

Ao longo de sua formação, Pip passa a ser pago para brincar na casa da Sra. Havisham e, à medida que vai crescendo, a prática do trabalho passa a ser mais contínua e exaustiva. Pip passa a ser pago para ser humilhado, para promover o espetáculo de vingança da Sra. Havisham, mas também como sua muleta, funcionando tanto para levantar o seu ego, quanto para ajudá-la a caminhar e se deslocar naquele ambiente. O diálogo abaixo demonstra a prática do trabalho infantil exercido pelo personagem, privando-o de sua condição de criança e de agir como tal:

[...] - uma cadeira leve com rodas, dessas que são empurradas por detrás. Fora colocada ali após minha última visita, e nesse mesmo dia passei a ocupar-me regularmente com a tarefa de empurrar a sra. Havisham nessa cadeira (quando ela se

cansava de andar apoiada no meu ombro) dando voltas em seu próprio quarto, e atravessando o patamar, e dando voltas na sala da mesa. Vez após vez após vez, percorríamos essa trajetória, em algumas ocasiões por três horas corridas. Dou-me conta de que passei a me referir a essas viagens como numerosas, porque foi na mesma hora decidido que eu voltaria um dia sim, outro não, ao meio-dia, com esse fim, e porque passo agora a resumir um período de no mínimo oito ou dez meses. (DICKENS, 2012, p. 150-151)

Estella desprezava Pip, não somente por ser pobre, mas porque foi ensinada para desprezar a classe masculina. A maneira como Estella se referia a Pip fez com que ele desenvolvesse uma ruptura entre desejo e realidade: daí, nasceram as grandes esperanças do personagem. Ele criou o desejo de ter grandes esperanças, de se tornar um cavalheiro, pois desejava estar à altura da aprovação de Estella e da Sra. Havisham. Tendo sido para a burguesia todo o conhecimento das boas práticas, Pip fica à margem das classes sociais mais altas e passa a sofrer por não ter os mesmos modos requintados dos burgueses. Inicia-se em Pip, um processo ainda maior de culpa por ter ajudado a libertar um prisioneiro, alimentando-o e praticando o roubo em favor de um fora da lei. Assim como o seu “forçado”, ele era refém de seus tormentos por pertencer àquela parcela inferior da sociedade. O conhecimento das boas práticas era pertencente à burguesia e em razão disso, Pip fica à margem das classes sociais mais altas e passa a sofrer por não ter os mesmos modos requintados dos burgueses. Inicia-se em Pip um processo ainda maior de culpa por ter ajudado a libertar um prisioneiro, alimentando-o e praticando o roubo em favor de um fora da lei. Assim como o prisioneiro que Pip ajudou a se libertar dos grilhões, ele, assim como o prisioneiro, era refém de seus tormentos por pertencer àquela parcela inferior da sociedade.

[...] Após me deitar continuava pensando que Estella acharia Joe, um mero ferreiro, muito vulgar: botas tão pesadas, mãos tão grosseiras. Pensei que Joe e minha irmã estavam na cozinha e que eu viera da cozinha a meu quarto, e que a Sra. Havisham e Estella nunca ficavam na cozinha, porém estavam muito acima dessas vulgaridades. (DICKENS, 2012, P. 121)

Antes de ascender socialmente, Pip começou a comparar os modos de vida de sua família aos da família de Estella. Há de se observar que do contexto vitoriano, os únicos modos de vida apresentados a ele foram os dois extremos da sociedade: pobreza (representado através da classe operária) e riqueza (representado como a burguesia e se estendia até a realeza). As roupas que a família de Pip vestia também se tornaram motivo de vergonha para ele, em razão do preconceito de Estella, como percebe-se no trecho seguinte:

[...] O que eu mais temia era a possibilidade de, num momento particularmente infeliz, e que eu estivesse mais sujo e vulgar, eu levantar os olhos e deparar com Estella olhando para dentro da ferraria por uma das janelas de madeira. Atormentava-me o medo de que ela, mais cedo ou mais tarde, me encontrasse ali, com as mãos e os rostos negros, realizando as tarefas mais grosseiras de meu trabalho e tripudiasse sobre mim e me desprezasse. (DICKENS, 2012, p. 168)

Estella sentia aversão pela pobreza, pois foi criada em um ambiente totalmente diferente. Pip, por sua vez, tentava transmitir todas as novas cargas de conhecimento para Joe Gargery, na esperança de que Estella não o humilhasse, da mesma maneira que fazia com Pip, se um dia viesse a conhecê-lo. Ele imaginava que um dia ela poderia ir até sua casa, mas isso era algo impensável, pois a Sra. Havisham não permitia Estella sair da “mansão Satis”. Dessa forma, é demarcada a não-mistura das camadas sociais presentes na Era Vitoriana e que Dickens representa no romance através dos personagens Pip e Estella:

Tudo que eu adquiria eu tentava transmitir a Joe. Esta afirmativa pode causar tão boa impressão que minha consciência não me permite que ela seja feita sem uma ressalva. Eu queria fazer com que Joe se tornasse menos vulgar para que ele se tornasse mais digno da minha companhia e ficasse menos exposto às críticas de Estella. (DICKENS, 2012, p. 170)

O preconceito desenvolveu em Pip a não-aceitação do seu modo de vida. Passou a condenar Joe Gargery pela realidade em que eles eram obrigados a viver. Buscava a ascensão, ludibriado pelo modo como um cavalheiro era tratado perante a sociedade. O modo como Pip passou a tratar e a se referir a seus familiares assemelhava-se ao modo como Estella o tratava: há uma transmissão do preconceito e do desprezo para com a pobreza e aos que nela se encontram, como no trecho abaixo:

“Biddy”, insisti, com certa severidade, “tenho meus motivos para querer ser um cavalheiro.”

“Tu é que sabes, Pip; mas não achas que serias mais feliz sendo quem és?”

“Biddy”, exclamei, impaciente, “não sou nem um pouco feliz tal como sou. Detesto meu ofício e minha vida. Nunca gostei de nenhum dos dois, desde que me tornei aprendiz. Não seja boba.” (DICKENS, 2012, p. 192-193)

Quando cresce e melhora sua condição social, além do estereótipo de preconceituoso, Pip torna-se orgulhoso demais para continuar vivendo diante de uma realidade medíocre. Ele passou a menosprezar aquilo que tanto desejou para a sua vida, que era ser sócio de Joe e agora despreza também a vida que tem naquele lugar impregnado de pobreza e maus hábitos. E com mais esperanças de ascender socialmente, Pip se torna rude e despreza o ofício de ferreiro, pois socialmente, não era digno de um cavalheiro e, em razão disso, ele apaga também os afetos pelo ferreiro Joe Gargery.

A questão do ensino no período vitoriano é uma das temáticas que Dickens explora no romance: a péssima qualidade do ensino da época, em conjunto com o grande crescimento da população fez com que a educação fosse vista com outros olhos. Segundo Rodrigues “devemos lembrar que a Revolução Industrial não fez com que se iniciasse a educação na Inglaterra, ela apenas trouxe a necessidade de a organizar” (2006, p.7). Dickens criticou duramente o baixo nível das instituições - se é que podemos chamar assim, já que muitas vezes são retratadas apenas como casas comuns que têm como a figura do professor, uma pessoa qualquer sem formação para o ensino - e a falta de profissionais adequados para ensinar a estas crianças, além da omissão do governo em oferecer educação pública. Podemos ver a importância de Dickens para a educação vitoriana através da colocação de Nagayach e Sing (2007) que afirma que “[...] no ano de sua morte, o Parlamento aprovou a Lei do Ensino Fundamental, que aumentou ainda mais o padrão de formação de professores e efetivamente inaugurou a escolaridade obrigatória.” (2007, p. 807).

Como podemos analisar a seguir, Pip expõe a situação do degradante ambiente escolar que ele frequentava bem como a questão da falta de assistência de educação pública para a classe pobre e operária pois, basicamente, a boa educação se concentrava nos pilares da sociedade, restando aos que ficavam à margem daquela sociedade pagar por um ensino de má qualidade, prestado por alguém sem qualquer instrução, como evidencia-se no seguinte trecho:

A tia-avó do sr. Wopsle mantinha uma escola noturna na aldeia; em outras palavras, era uma velha ridícula de renda limitada e debilidade ilimitada, que cochilava das seis às sete todas as tardes na companhia de jovens que pagavam dois *pence* por semana cada, para ter a instrutiva oportunidade de vê-la cochilar. Ela alugava uma casa pequena, e o sr. Wopsle ficava no quarto do andar de cima, onde nós, os alunos, o ouvíamos ler em voz alta de maneira mui digna e terrível, e de vez em quando esbarrar no teto. Nutria-se a ficção de que o sr. Wopsle “examinava” os alunos uma vez a cada

trimestre. O que ele fazia em tais ocasiões era arregaçar as mangas, pôr o cabelo para cima e recitar para nós a oração de Marco Antônio sobre o cadáver de César. [...] A tia-avó do sr. Wopsle, além dessa instituição educacional, tinha também — no mesmo cômodo — uma pequena venda. Não fazia ela ideia do estoque que tinha, nem do preço de qualquer mercadoria; havia, porém, um caderninho ensebado guardado numa gaveta, que servia como catálogo de preços, e era com base nesse oráculo que Bidy pautava todas as transações comerciais. [...]. (DICKENS, 2012, p.85-86)

Nesse excerto percebemos o despreparo da professora, que nem sequer era capaz de designar as operações matemáticas, ou entendia algo acerca dos valores das mercadorias presentes na venda, desconhecendo completamente os números. Também temos a figura do inspetor daquele local que, ao abordar os alunos com intuito de examiná-los, tão despreparado para o ofício quanto a professora, utilizava sempre dos mesmos métodos ineficazes de avaliação.

As palavras de Rodrigues (2006) ilustram a representação desses tipos de ambientes que ofertavam ensino pago na Era Vitoriana:

[...] Estas instituições dependiam da iniciativa espontânea de congregações religiosas, dedicadas à caridade ou outras. As famílias contribuía com algum dinheiro, mantendo as crianças na escola até à idade que entendessem ser indicada para as colocar a trabalhar a tempo inteiro. Este sistema, apesar de não estar organizado por nenhuma entidade estatal nem ser supervisionado, funcionou até à época vitoriana. (RODRIGUES, 2006, p. 8)

Com um ensino de baixa qualidade, restava às crianças pobres mínimas oportunidades de conseguir prosperar na busca por um emprego ideal, já que desde cedo trabalhavam nas fábricas ou nos campos ao lado dos pais. Meninos e meninas seguiam esse destino até os últimos dias de suas vidas, oferecendo uma mão de obra barata, em virtude da falta de títulos e, assim, aumentando cada vez mais os lucros dos empregadores. Poucos empregadores buscavam trazer melhorias para o ensino das crianças e os que o faziam, iam na contramão do que a classe empregadora pregava, apesar de nessa época já existir algumas leis que visavam defender estas crianças dos patrões gananciosos que tratavam as pessoas como máquinas:

Havia, porém, exceções, como o caso de Robert Owen, [...] Este socialista utópico criou uma verdadeira comunidade social juntamente com a sua fábrica de lanifícios, incluindo alojamento para os trabalhadores, escola para os seus filhos e cuidados de saúde para todos. [...] Estes foram também os defensores do direito à educação para todas as crianças, independente da sua origem social, e a redução das suas horas de trabalho. Este aspecto foi, aliás, o primeiro a ser debatido e passado em termos legislativos, no *Factory Act* de 1833. (RODRIGUES, 2006, p. 9)

Pip fazia parte das *working classes*, que eram as instituições de baixo custo e de pouca relatividade em relação a um ensino de qualidade, designadas justamente para crianças que se encontravam às margens da sociedade. Pip fora educado através das *Sunday schools*, que era uma espécie de catecismo mais voltadas para o estudo da Bíblia e aplicadas geralmente a populações oriundas da zona rural. Em *Grandes Esperanças* também temos uma descrição de Pip quando assistia às aulas que têm bastante semelhança com a definição das *Sunday schools*:

O plano ou curso educacional estabelecido pela tia-avó do sr. Wopsle pode ser resumido na sinopse que se segue. [...] O livro continha um alfabeto, algumas cifras e tabuadas e um pouco de ortografia — melhor dizendo, contivera tais coisas outrora. [...] Esse exercício mental perdurava até o momento em que Bidy se precipitava sobre eles e distribuía três Bíblias desfiguradas (cuja forma levava a pensar que eram extremidades mal cortadas de alguma coisa), cuja impressão era mais ilegível do que qualquer outra curiosidade literária que me tenha caído nas mãos desde então, bíblias

todas salpicadas de tinta e contendo diversos espécimes de insetos esmagados entre suas páginas. [...] (DICKENS, 2012, p. 122-123)

Da mesma forma temos a configuração de Bidy dentro do romance: ela atuava no ambiente escolar como *monitors*, na definição de Rodrigues (2006, p. 11) “[...] em escolas autossuficientes, as *common day schools*, pela *British and Foreign School Society*, e consistia na utilização de *monitors*, alunos mais velhos encarregues de ensinar os mais novos.” Essa perspectiva é retratada no seguinte recorte:

Findas as lutas, Bidy dava o número da página e todos nós líamos em voz alta o que conseguíamos ler — ou o que não conseguíamos ler — [...] sendo que nenhum de nós fazia a menor ideia, nem sentia a mínima reverência, pelo que estávamos lendo. Quando essa barulheira terrível se prolongava por certo tempo, tinha o efeito automático de despertar a tia-avó do sr. Wopsle, que avançava sobre um menino aleatório e lhe puxava as orelhas. Este era o sinal convencional que assinalava o término da aula daquela noite, e saíamos para a rua com gritos de vitória intelectual. (DICKENS, 2012, p. 123)

Apesar de tantos aspectos negativos para com a utilização desses métodos de ensino durante aquele período, esse modo de ensinar foi substancial na constituição de um marco da educação inglesa, já que visava promover uma oferta de acesso à educação básica que fosse capaz de chegar a todos. Isto possibilitaria que as crianças pobres tivessem, ao menos, o mínimo do acesso que tinham as crianças das classes sociais elevadas, como podemos ver a seguir:

Em relação à educação das crianças das *Middle e Upper classes*, a situação era bem diferente, uma vez que essas eram normalmente educadas em casa por preceptoras ou tutores, beneficiando de um ensino individualizado. Eram, com efeito, crianças muito privilegiadas em relação às das classes desfavorecidas, em termos de condições de aprendizagem e meios de acesso a uma boa educação, em particular a acadêmica. (RODRIGUES, 2006, p. 12).

As crianças das classes médias e nobres eram educadas em casa, através de preceptoras ou de tutores, como foi o caso de Pip quando ascendeu socialmente e passou a ser educado pelo Sr. Matthew Pocket, que era remunerado para abrigar Pip em sua residência e para lhe ensinar os bons modos da burguesia vitoriana. Em suma, tinha a missão de transformar Pip em um cavalheiro, assim como Herbert, filho de Matthew Pocket, que também era ensinado por ele em casa. Herbert e seu pai pertenciam à classe média daquele período. Nesse contexto, Estella é outro exemplo de criança da classe alta que era ensinada em casa através de uma preceptora, já que a Sra. Havisham, assim como a aristocracia vitoriana, não via com bons olhos que as crianças das duas classes sociais estivessem misturadas nas escolas.

Outra questão social bastante perceptível na primeira metade do século XIX, na Inglaterra que Dickens expõe em sua obra é o alto nível de poluição presente nas cidades inglesas durante o período vitoriano em razão da falta de saneamento básico. Estes altos níveis se davam também, devido ao aumento significativo da população nos grandes centros urbanos que foram responsáveis por um aumento no número de carruagens para atender aos habitantes e em razão disso, houve um elevado número de animais defecando nas ruas; Outro fator poluente, eram as fábricas que expeliam muitas cinzas, devido ao uso de carvão, culminando na poluição do ar e na propagação de doenças respiratórias e também as doenças que se deram através do consumo da água poluída dos rios e canais que abasteciam as cidades as quais serviam de depósito para os dejetos da população. Para comentar esta crítica de Dickens nas condições insalubres a que a população era exposta, fizemos dois recortes de partes do texto onde Pip revela tais condições:

[...]: não fosse por isso, embora me assustasse a imensidão de Londres, creio que teria me ocorrido uma impressão vaga de que a cidade era feia, torta, estreita e suja. (DICKENS, 2012, p. 237).

[...] Assim, cheguei a Smithfield; e aquele lugar vergonhoso, todo coberto de imundície, gordura, sangue e escuma, pareceu grudar-se em mim. [...] (DICKENS, 2012, p. 240)

No período em que o romance foi escrito, o número de mortes aumentou de maneira significativa em função da epidemia do cólera. Fora descoberta pelo médico John Snow que a doença se propagava através da água contaminada. Snow escreveu sobre a situação degradante daquela época: “Era entre os pobres, com famílias que viviam, dormiam, cozinhavam, comiam e se aseavam juntas em um único cômodo que a cólera se expandia” (BOWES, 2020 apud SNOW s/d). Outras epidemias decorrentes da alta taxa de insalubridade eram a febre tifoide e a febre amarela, que ainda persistem até os dias atuais, mas de maneira controlada através do uso de vacinas para o combate.

Outro aspecto peculiar daquele período apresentado por Dickens é o da relação pessoal que a sociedade vitoriana tinha com a morte. Os vitorianos cultuavam o pós-morte e Dickens retrata tal costume na passagem da morte da personagem Sra. Joe Gargery que, mesmo pertencendo a uma classe social baixa, observou-se um culto exagerado de seu corpo e um belo cortejo foi dedicado a ela. O marido descreve o cerimonial como uma “horrenda dança macabra” (DICKENS, 2012, p. 388), mas aceita que seja realizado, por ser um costume daquela sociedade. Há uma relação de adoração da morte, por parte das pessoas da aldeia, assim como na sociedade vitoriana, como podemos observar nas palavras de Pip:

A vizinhança, porém, aprovou enfaticamente esse cerimonial, e fomos muito admirados enquanto percorremos a aldeia; os membros mais jovens e vigorosos da comunidade saíam correndo à nossa frente de vez em quando, pondo-se à nossa espera para nos interceptar em lugares estratégicos. Nessas ocasiões, os mais exuberantes entre eles gritavam, excitados, quando nos viam emergir em alguma esquina: “Lá vêm eles!”, “Olha eles aí!”, e só faltava nos aplaudirem. (DICKENS, 2012, p. 389)

Há uma forte relação cultural da sociedade vitoriana com a morte, pois nesse período era adotado por muitas pessoas uma espécie de padronização do luto. A exemplo da própria Rainha Alexandrina Victoria que conservou o luto pelo marido durante décadas, e os seus súditos seguiam esse mesmo costume. Temos de citar ainda a obsessão dos vitorianos pela morte através da prática das fotografias com os cadáveres ornamentados dentro dos caixões, a fim de saciar o desejo dos seus entes em guardar fotografias para, talvez, amenizar a dor da perda.

Dickens retrata em seu romance, através da personagem Sra. Joe Gargery a relação que a sociedade daquele período tinha com a morte. No romance, vemos uma apreciação da ornamentação do cortejo da Sra. Joe Gargery e podemos compreender que essa prática vem das classes mais elevadas da sociedade vitoriana e que as pessoas se sentiam incitadas a fazerem o mesmo, como é retratado no romance, na passagem em que Pip acha aquilo tudo muito exagerado, mas por fim, acaba acatando por se tratar de um costume presente naquele meio em que viviam, seguindo uma lógica moderna. Mesmo a população pobre, como é retratado por Dickens no romance, buscavam participar desses padrões elaborados da época para expressar, de uma maneira socialmente aceita, a angústia externa do luto, já que naquele ambiente as emoções deveriam ser suprimidas. Outra vertente, seria a de que a parcela pobre daquela sociedade praticava esses ritos como maneira de imitação aos modos dos burgueses, já que eles aspiravam iguaissem.

4.2 As simbologias em *Grandes Esperanças*

No romance de Charles Dickens, podemos encontrar algumas simbologias que ele utiliza para representar a realidade do período vitoriano. É através destas simbologias implícitas no texto, que ele consegue passar para o leitor algumas mensagens importantes daquele contexto social e aguçar o desejo do conhecimento. Podemos compreender melhor o sentido das simbologias, com base nas palavras de Eliade:

[...] O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: põr a nu as mais secretas modalidades do ser. (ELIADE, 1952, p. 13)

Em concordância com as palavras de Eliade (1952), vamos nos deter sobre como e com que finalidade Dickens utilizou as simbologias dentro de seu romance. A figura sempre sombria das cortinas de névoa que encobriam o charco pode ser explicada como sendo em função da grande quantidade de poluição das águas dos rios naquela região. Sem saneamento, todos os dejetos acabavam indo parar nos rios, tanto nas zonas rurais quanto nas urbanas e, é isso que explica também o fato de haver tanta descrição de Pip falando sobre as grandes quantidades de névoa presentes em Londres e seus arredores. “[...] e a névoa do charco era tão espessa que a placa de madeira do poste que indicava a direção da nossa aldeia — uma direção que ninguém tomava, pois ninguém jamais ia lá — só se tornou visível para mim quando fiquei bem embaixo dela.” (DICKENS, 2012, p. 51). Outro fator que corrobora para isso são os vapores expelidos das usinas e indústrias provenientes da queima de carvão naquele período de ascensão industrial.

Quando Magwitch retorna ao encontro de Pip, num clima noturno e sombrio, a figura simbólica da noite/escuridão pode servir como prenúncio de que a personagem sofreria uma mudança radical. “Milton descreve a Noite como “a mais antiga das coisas” [...] é a “escuridão” que precede tudo, exceto o vazio ou o próprio caos. [...] Ambos os autores ouvem não apenas o Gênesis, mas a *Teogonia* de Hesíodo, onde A noite é fruto do Caos, [...] (FERBER, 1999, 2007 – *Tradução nossa*)⁴. Tanto o momento do retorno de Magwitch quanto o momento em que ele é preso pela primeira vez, após ter conhecido a Pip, são ambientados durante a noite: altas horas da noite, onde a escuridão prevalece e, ao retornar, transforma a vida de Pip em um verdadeiro caos.

Magwitch revela para Pip que ele é seu benfeitor e isto causa um rompimento da verdade que Pip acreditava existir e o atormenta pela condição social do seu benfeitor e por ter sido através dele (um forçado) que Pip ascendeu socialmente. Temos ainda a simbologia da formação da tempestade, aliada à água, no seguinte trecho do romance que configura a chegada de Magwitch e, sequencialmente, a queda da ascensão do personagem Pip:

Fazia um tempo horrível; chuvoso e úmido, chuvoso e úmido; e lama, lama, muita lama em todas as ruas. Dia após dia, um véu extenso e pesado, vindo do leste, cobria toda a Londres, e não parava de vir, como se houvesse para os lados do leste uma eternidade de nuvem e vento. Eram tão furiosas as lufadas que chegavam a arrancar o chumbo dos telhados dos edifícios mais altos da cidade; e no campo, árvores eram arrancadas, e pás de moinhos eram levadas para longe; do litoral, chegavam notícias trágicas de naufrágios e mortes. A fúria do vento vinha acompanhada de aguaceiros violentos, e o dia que terminava no momento em que me sentei para ler tinha sido o pior de todos. (DICKENS, 2012, p. 430-431)

⁴ “Milton describes Night as “eldest of things” [...] it is “darkness” that precedes everything but the void or chaos itself. [...] Both authors hearken not only to Genesis but Hesiod’s *Theogony*, where Night is the offspring of Chaos, [...] (FERBER, 1999, 2007, p. 137).

A representação de Pip em meio ao vento, névoa e chuva vindos do Leste dá ao contexto da narrativa um clima mais pesado. À medida em que estes eventos se aproximam da cidade o clima vai ficando cada vez mais pesado para o personagem. O vento vindo do Leste se configura como algo prejudicial, nas definições de Ferber (1999), não tanto em razão de Mawitch, mais precisamente em consequência da volta de Compeyson, para tormento de Pip. Compeyson é retratado na obra como a figura do maligno e deve-se isso ao clima hostil instaurado na cidade de Londres, com a chegada de Magwitch. Tal percepção é vista de acordo com uma das definições de Ferber (1999) para vento do leste:

A frase “quatro ventos” ocorre em ambos os testamentos da Bíblia (por exemplo, Ezek. 37,9, Matt. 24,31) para se referir a cada quadrante do céu ou da terra, mas eles não são nomeados ou descritos. Apenas o vento leste é distinguido; geralmente é uma força maligna enviada por Deus para “explodir” o milho (Gênesis 41.6) ou trazer gafanhotos (Êxodo 10.13) ou murchar a videira (Ezequiel 17.10). [...] Os ventos são inconstantes, eles arrebatam as coisas, limpam o ar ou o escurecem, eles mudam o clima. [...] (FERBER, 1999, 2007, p. 235-236. – tradução nossa)⁵

Outro símbolo que revela um importante simbolismo em *Grandes Esperanças* é o fogo, que pode ter sido utilizado por Dickens como símbolo de purificação da personagem Sra. Havisham. Apesar de todo sofrimento que causou a Pip e às situações humilhantes que fazia questão de proporcionar aos seus familiares, em função de seu trauma, ela consegue se redimir e pede que Pip a perdoe por tudo. Após isso, ela, acidentalmente, incendeia-se e é coberta por chamas as quais poderiam aludir à redenção de seu corpo para a transformar em um novo ser, agora purificado, se analisado de acordo com Cirlot: “Os alquimistas mantiveram em particular a noção heraclitiana de fogo como 'o agente de transmutação', uma vez que todas as coisas derivam e voltam para o fogo. [...], o fogo é, como a água, um símbolo de transformação e regeneração. [...]” (CIRLOT, 2001, p. 105. Tradução nossa).⁶ Temos então, a figura do fogo como simbologia empregada na personagem Sra. Havisham, podendo significar uma representação da redenção presente nas pessoas que cultuavam o Cristiano na Era Vitoriana. Este uso das simbologias também pode ser associado à prática da escrita de Dickens através do realismo para elucidar ainda mais o contexto daquela realidade caótica em que viviam os vitorianos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário frisar, para uma melhor análise do personagem Pip, que ele é fruto do meio em que vivia, desenvolvendo o preconceito acerca do ambiente ao qual é exposto enquanto criança e órfão que ainda estava se descobrindo como indivíduo. Falta estrutura familiar para direcionar o personagem a não cometer erros ou a corrigi-los, como o caso de roubar de casa em favor de Magwitch. Pip não tinha acolhimento por parte da irmã que o havia criado com bastante rispidez; esta, por sua vez, não possuiu um espelho familiar para seguir com passos amáveis, pois tendo ambos ficado órfãos a ela coube o ofício de se tornar mãe adotiva de seu irmão, sem preparo algum. A ambição das classes pobres de se equiparar à burguesia floresceu o desejo de Pip se tornar cavalheiro para poder frequentar lugares aos quais para a parcela social a qual ele pertencia eram inacessíveis no período vitoriano, no qual o romance foi ambientado.

⁵ The phrase “four winds” occurs in both testaments of the Bible (e.g., Ezek. 37.9, Matt. 24.31) to refer to every quarter of the sky or earth, but they are not named or described. Only the east wind is distinguished; it is generally a baleful force sent by God to “blast” the corn (Gen. 41.6) or bring locusts (Exod. 10.13) or wither the vine (Ezek. 17.10). Winds are fickle, they snatch things away, they clear the air or darken it, they change the weather. [...] (FERBER, 1999, 2007, p. 235-236)

⁶ “The alchemists retained in particular the Heraclitean notion of fire as ‘the agent of transmutation’, since all things derive from, and return to, fire. [...], fire is, like water, a symbol of transformation and regeneration. [...]” (CIRLOT, 2001, p. 105)

Ao herdar uma fortuna, o protagonista mira na rejeição da pobreza e, conseqüentemente, rejeita também a sua família e amigos.

A construção emocional do desejo de Pip por Estella se dá em decorrência do desejo da classe operária em se equiparar aos burgueses e aos seus costumes. Em *Grandes Esperanças* temos um enredo que enfatiza a vida de uma criança que começa a trabalhar muito cedo – a comum exploração do trabalho infantil - desenvolve hábitos de adulto, responsabilidades com o trabalho e carrega dentro de si um sentimento pertencente aos adultos, a paixão avassaladora por Estella e a ambição de ascender socialmente. O desprezo com que Estella o tratava, tornava-o cada vez mais submisso aos seus encantos, num perigoso jogo psicológico que levou o personagem a buscar ascender socialmente para poder estar em um nível equiparado ao de Estella e, assim, poder desposá-la, desejos muito ambiciosos para uma criança.

Por outro lado, temos a Sra. Havisham lutando diariamente para tornar Estella o fruto de sua vingança, instruindo a criança à prática do preconceito e incitando nela o ódio e o desprezo para com as pessoas de classe pobre. Temos assim, um retrato da burguesia, corrompida pelo dinheiro e detentora do poder, designando quem tem ou não valor perante aquela sociedade. Ainda, vemos um arrebatamento da Sra. Havisham, em contraposição a tudo que ela pregava: cobrar que Estella a ame, sendo que sua filha foi ensinada apenas a destruir corações. Nesse mesmo viés temos a problematização da criança tirada dos braços da mãe como forma de pagamento da dívida que sua mãe tinha com um advogado e a inserção do trabalho, em condições que aludem à escravidão no trabalho doméstico através da mãe de Estella que se encontrava, por anos, em submissão aos trabalhos impostos pelo Sr. Jaggers.

O romance, tendo sido construído todo em primeira pessoa, dá ao personagem Pip o direito de abordar os fatos de acordo com a sua realidade e com o seu ponto de vista. Temos também através do personagem Joe Gargery, a explanação das exaustivas cargas de horário de trabalho naquele período e o alto consumo de narcóticos (no caso de Joe Gargery, o uso excessivo do cigarro) para aliviar a tensão, com muita mão de obra e baixa remuneração para a classe operária, tendo se tornado característica dominante do período vitoriano em razão da grande quantidade de pessoas buscando empregos nos centros urbanos e da baixa oferta de empregos.

Outra característica deste mesmo período é a abordagem de Dickens sobre a superlotação da cidade de Londres e dos outros grandes centros urbanos, em razão da alta na industrialização, e pode ser retratada quando o personagem Pip passa a conviver com Herbert em um quarto de uma pousada de situação degradante, se levarmos em conta que o personagem havia ascendido socialmente. Assim como no auge das fábricas e o grande número de pessoas nas cidades, no romance é retratado que também não havia oferta de lugares com condições de requinte para serem alugadas, isso se dá em decorrência da superpopulação que migrou do campo para as cidades em busca de emprego e ansiando melhores condições de vida. É na figura de Magwitch que podemos analisar como a falta de assistência do governo para com a sua população pobre, em situação de vulnerabilidade social, muitas vezes beirando a miséria, empurra-os para a marginalidade e depois cobra deles, executando-os em praça pública para que sirvam de exemplo para outros cidadãos. A situação a que a população do período vitoriano era exposta, em razão da baixa oferta de empregos e da falta de políticas públicas de ressocialização do cidadão retratada no romance pela figura de Magwitch como espelho da sociedade, pode ser observada a seguir:

“Desde que me tenho por gente, todo mundo que viu o pequeno Abel Magwitch, mesmo quando era bem pequeno, ou morria de medo dele, ou enxotava ele, ou prendia ele. Me prenderam uma vez, duas vez, três vez, e assim foi que mais ou menos cresci preso.

“Foi assim que, quando eu era uma criaturinha esfarrapada de dar dó (não que eu me visse no espelho, porque quase nunca que eu entrava em casa que tivesse mobília),

começaram a dizer que eu era incorrigível. ‘Esse aí é totalmente incorrigível’, diziam a quem vinha visitar a prisão, apontando pra mim. ‘Esse aí praticamente mora na prisão, esse menino.’ Então olhavam pra mim, e eu olhava pra eles, e eles media minha cabeça,¹ às vezes — eles deviam mas era medir meu estômago — e tinha uns outro que me dava uns folheto que eu não sabia ler, e me fazia discurso que eu não conseguia entender. Eles sempre falavam no diabo. Mas que diabo eu podia fazer? Eu tinha que pôr alguma coisa no estômago, é ou não é? (DICKENS, 2012, p. 475)

Para tanto, é necessário observar os problemas sociais expostos por Dickens em *Grandes Esperanças*, introduzindo o cômico, que é uma marca do escritor em suas obras, como forma mais uma vez de denunciar para a sociedade a situação degradante em que se encontravam as pessoas menos favorecidas naquele reinado. Muitos dos problemas expostos são representados em decorrência da instituição da burguesia ao cumprimento de valores morais e sociais rígidos durante o reinado da Rainha Vitória I.

Este trabalho foi planejado a fim de mostrar para os leitores de Charles Dickens, algumas vertentes de problemas sociais implícitos dentro do romance a partir dos personagens principais que foram analisados durante o percurso narrativo, assim como o impacto que tais práticas sucederam na vida da sociedade vitoriana representadas pelos personagens presentes em *Grandes Esperanças*.

Esperamos que, a partir do contexto reflexivo abordado neste trabalho, mais pessoas se interessem pelas obras de Dickens e busquem analisar as diferentes maneiras que esse aclamado autor vitoriano utilizou o realismo para retratar as diferenças sociais a partir de eventos que ele mesmo viveu enquanto cidadão de classe baixa, de acordo com a necessidade da população carente e, em razão disso, foi consagrado como o “Pai dos pobres”.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf> . Acesso em: 15 mar. 2021.
- BOWES, Claire. O médico que descobriu como a cólera se espalha e impediu mortes pela doença. **Folha Uol**, 11 Jul 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2020/07/11/o-medico-que-descobriu-como-colera-se-espalha-e-impediu-mortes-pela-doenca.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 30 de abril de 2021.
- CÁRDENAS, Viviane. **Dickens e a Era Vitoriana: ascensão da indústria, declínio do homem**. Rio Grande do Norte, 2005. Disponível em: http://www.ijetsr.com/images/short_pdf/1501424567_803-807-ietech894_ijetsr.pdf Acesso em: 30 de abril de 2021.
- CIRLOT, J. E. **A dictionary of symbols**. Second edition. London, 1971.
- DICKENS, Charles. **Grandes Esperanças**. 1ª edição. São Paulo Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- DINIZ, Luiz de Melo. **Representações da infância ultrajada e da criança-herói: uma leitura de Charles Dickens e Jorge Amado**. 2012. 205 f. Tese (pós graduação) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2012.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FERBER, Michael. **A Dictionary of Literary Symbols**. Second edition, New York, 2007.
- HERMES, Ernani Silveri; DECARLI, Márcia Negrello. A era vitoriana segundo o retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde. **ÁGORA Revista Eletrônica**, v. XI, n. 20, p. 60-73, 22 jun. 2016.
- MONTEIRO, Maria Conceição. **Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca**. Fragmentos, v. 8, n. 1, p. 61-71, Florianópolis, jul. – dez. 1998.
- PAIROSSIEN, David. **A companion to Charles Dickens**. 1ª edição. Blackwell Publishing Ltd, 2008.
- PELLEGRINI, T. **Realismo: postura e método**. Letras de Hoje, v. 42, n. 4, 16 set. 2008.
- NAGAYACH, Ratna; SINGH, Chanda - (PDF) **Views of Dickens on Education during the Victorian Age**. Disponível em: http://www.ijetsr.com/images/short_pdf/1501424567_803-807-ietech894_ijetsr.pdf Acesso em: 30 de abril de 2021.
- PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo**. São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Lúcia Cristina – **Lewis Carroll e os Paradigmas Educativos Vitorianos.**

Lisboa, 2006. Disponível em:

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/444/1/LC206.pdf> Acesso em: 30 de abril de 2021.

SILVA, Evaneide Araújo da. **Aspectos do realismo:** em torno de memórias de um sargento de milícias. 2010. 140 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Auricélio, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e acolhimento ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu fiel amigo e companheiro Niélson, por ter sido um dos pilares para a minha formação.

À minha mãe Maria, à minha tia/avó Antônia e ao meu tio/avô Adaide, pelo desejo de me ver trilhando caminhos, os quais eles não puderam trilhar, por falta de acesso à educação.

Aos professores do Curso de Letras-Inglês da UEPB, em especial a Auricélio, José Vilian e Clara, que contribuíram ao longo desses nove semestres, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial, Selton, Shara e Tamira.